# PRÁTICAS BIBLIOTECÁRIAS: a formação, a auto-formação e atuação dos primeiros bibliotecários catarinenses

# *LIBRARY PRACTICES: the formation, self-formation and activity of the first librarians from the State of Santa Catarina*

**Gisela Eggert-Steindel**[1]
**Ivonir Terezinha Henrique**[2]
**Sueli Carvalho Musse**[3]

**Resumo**

Produziu-se uma reflexão da formação e auto-formação dos primeiros bibliotecários de Santa Catarina, com intuito de (re)conhecer uma Biblioteconomia construída por estes profissionais. A metodologia utilizada foi a técnica de história de vida a partir do quadro geral da História Oral. São sete relatos profissionais. Estes mostraram que esses bibliotecários têm significativamente presente as questões técnicas; situações relacionadas aos usuários e um sentimento profissional positivo. O estudo concluiu que esse tipo de investigação pode melhorar o entendimento do papel sóciocultural desta profissão - o material recolhido é uma fonte para aprender e ensinar a ser bibliotecário para uma sociedade.

**Palavras-chave:**

**PRÁTICAS BIBLIOTECÁRIAS**
**BIBLIOTECONOMIA**
**BIBLIOTECÁRIO**
**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**
**SANTA CATARINA - BIBLIOTECONOMIA**

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz realizar uma reflexão acerca da formação e auto-formação, dos primeiros bibliotecários de Santa Catarina, através da rememoração e registro das suas práticas profissionais, com intuito de (re)conhecer uma Biblioteconomia vivenciada e produzida pelos primeiros profissionais dessa área. Para tanto, a rememoração e registro das práticas bibliotecárias buscou alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar os

[1] Mestre em Ciência da Informação/Dda. em Educação/USP.Profa. Depto de Biblioteconomia e Documentação/Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Rua Saldanha Marinho,196 Cep 88010450 CENTRO - Florianópolis e-mail: eggertg@matrix.com.br
[2] Mestre em Administração de Bibliotecas. Profa. Depto Biblioteconomia e Documentação/Centro de Ciências da Educação/UDESC
[3] Aluna do Curso de Biblioteconomia.PROBIC/CNPq/FAED/UDESC

primeiros bibliotecários atuantes em Santa Catarina e em quais instituições atuaram; traçar possíveis variáveis que influenciaram na escolha da profissão; mapear e estabelecer um quadro das instituições formadoras dos primeiros bibliotecários; apreender, a partir dos relatos orais, as práticas bibliotecárias constituídas ao longo do exercício profissional e compreender melhor o presente exercício profissional do bibliotecário catarinense.

As profissões são arquitetadas, inventadas ao longo do tempo, fundamentadas na prática, na teoria e nas condições histórico sociais. A profissionalização do bibliotecário tem sua marca no século XIX em Paris, 1821 na *École des Chartes*, fundamentada na erudição. A segunda escola, com o objetivo de qualificar profissionais para atuarem em bibliotecas, surgiu quase meio século depois na América em 1887: a *School of Library Economy* fundada por Melvil Dewey - *Universidade de Columbia*, esta tinha um enfoque técnico (FONSECA, 1992).

No Brasil, a formação do profissional bibliotecário ocorre a partir da criação do primeiro Curso de Biblioteconomia no País, na *Biblioteca Nacional*, em 1911, sendo o primeiro da América Latina e o terceiro no mundo. O curso adotou parâmetros os fundamentos da *Ècole des Chartes* de Paris e sua duração era de um ano e o aluno deveria ter já concluído um curso de humanidades e submeter-se a um exame de admissão. As disciplinas do Curso constituíam-se em: Bibliografia, Paleografia, Diplomática, Iconografia e Numismática - as disciplinas de Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas eram desenvolvidas na disciplina de Bibliografia.

O Curso na Biblioteca Nacional dava ênfase ao aspecto cultural e informativo com menor destaque para formação técnica. A formação bibliotecária no Brasil sofreria mudanças na década de 30 com a criação do segundo Curso no *Instituto Mackenzi* em São Paulo (SP). Este segundo curso, pode-se afirmar, foi fruto do encantamento dos intelectuais brasileiros como Monteiro Lobato, Assis Chateaubriand, entre outros, pelo pragmatismo norte americano. Nesse curso prevaleceram as disciplinas técnicas como Catalogação, Classificação, Referência e Organização de Bibliotecas, esta última desenvolvida a partir da prática.

Na década de 50 verificou-se um crescimento dos cursos no Estado de Minas Gerais, no Estado do Paraná e no Estado do Amazonas. Os currículos destes cursos estavam centrados em Catalogação, Classificação, Referência, Bibliografia, Organização de Bibliotecas e História do Livro e das Bibliotecas. O ensino e a prática da Biblioteconomia até esse momento no Brasil, não incluía qualquer atenção ao contexto das bibliotecas e aos usuários nelas inseridos.

Na década de 60, os profissionais bibliotecários brasileiros alcançaram o reconhecimento no patamar de profissão liberal com a aprovação da Lei Nº 4.084, datada de 16 de agosto de 1962, que dispõe sobre a profissão do bibliotecário e regulamenta o exercício da sua profissão. As matérias do currículo mínimo de 1962 estavam centralizadas no aspecto técnico, isto é, Organização e Administração de Bibliotecas; Catalogação e Classificação; Bibliografia e Referência; Documentação; Paleografia e História do Livro e das Bibliotecas. As demais matérias estavam voltadas à formação cultural, a saber, História da Literatura; História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Evolução do Pensamento Filosófico e Científico.

No Estado de Santa Catarina, a formação de bibliotecários bacharéis inicia-se na década de 70, com criação de um curso na Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, tendo como fundadores o professor Nilson Paulo e a professora. Mitsi W. Taylor, e o outro surgiu a partir da iniciativa da bibliotecária Alvaceli Lusa Braga, na *Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC*. Atualmente, tem-se um total de 32 Cursos, segundo a *Associação Brasileira do Ensino de Biblioteconomia e Documentação* – ABEBD, com diferentes realidades; cada um deles têm buscado adequar-se ao novo paradigma da área: o acesso à informação.

Os conhecimentos adquiridos através de um curso formal, outorgam o exercício profissional em um dado campo de atividade. Com intuito de conhecer os primeiros bibliotecários bacharéis em Santa Catarina; esta pesquisa perguntou: Quem foram os primeiros bibliotecários em Santa Catarina e onde atuaram?; o que e como se constituiu a opção pela formação bibliotecária?; quais práticas bibliotecárias foram vivenciadas a partir de sua formação e atuação?; as práticas retratam ou recriam a Biblioteconomia advinda dos cursos de formação?; que características têm e quais contribuições trazem as práticas bibliotecárias destes profissionais à Biblioteconomia.

As práticas bibliotecárias constituem-se no pensar, fazer o conhecimento biblioteconômico no cotidiano do exercício bibliotecário. Para que se (re)conheça as práticas bibliotecárias de um tempo e de seus profissionais foram utilizados os aspectos teórico-metodológicos, da obra organizada por Nóvoa (1992), Vidas de Professores, a qual teve importante papel no desenvolvimento desta pesquisa, por reunir relatos de pesquisa com o fio condutor à abordagem autobiográfica enquanto metodologia de investigação. Os autores procuram superar a dicotomia entre **o eu profissional** e **o eu pessoal**, quando tratam de investigar vidas de professores. Segundo Nias citado por Nóvoa (1992, p. 15 – 17, passim) "O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor", e, afirma -, é impossível "separar o eu profissional do eu pessoal*"*.

Pereira (1996), ao se referir acerca da formação do professor, pode dar elementos para que se investigue as práticas profissionais bibliotecárias, para que haja uma compreensão da Biblioteconomia brasileira exercida por homens e mulheres. O autor tem como alvo a pessoalidade e a professoralidade. Toma em conta a idéia de que a pessoalidade e a professoralidade andam juntas, ou seja, ser professor é uma alternativa, uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade. A formação acadêmica como estratégia, possibilitará viabilizar sua subjetividade. Em outras palavras, na professoralidade, está a pessoalidade e vice versa. Poder-se-á fazer a mesma reflexão para o profissional bibliotecário?

Utilizou-se o estudo de Souza (1997, p. 27 – 38, passim) como ferramenta na análise do contexto sócio cultural e político dos relatos colhidos dos primeiros bibliotecários. Este autor apresenta uma historicidade desta profissão a partir de três eixos, para uma melhor compreensão da profissionalização bibliotecária no Brasil, descritas a seguir:

> Primeiro eixo - Prática bibliotecária artesanal humanística ( de 1568 Biblioteca do Colégio da Bahia até atualidade – 1997: profissão de livre exercício; Biblioteconomia como conhecimento pela prática; formação não acadêmcia; Curso da Biblioteca Nacional [1911 – 1942].
>
> Segundo eixo - Prática bibliotecária racionalizada norte-americana de 1871 escola Americana de SP até a atualidade – 1997: profissão regulamentada, Lei 8.024 de 1962; Biblioteconomia funcionalista; preparação acadêmica em quadros de bacharelado; fomento de segmentos do setor industrial (décadas 50/70); orientação para armazenagem de coleções; implantação do segundo Curso em São Paulo, atualmente com 30 instituições.
>
> Terceiro eixo - de 1951 (Criação do CNPq até a atualidade, 1997). Prática bibliotecária voltada a Documentação e a Ciência da Informação de cunho internacionalista: várias profissionais possíveis, com exercício não regulamentado; Biblioteconomia sistêmica e crítica; base para a indústria da informação; fomento por organismos multilaterais internacionais; formação de pessoal de modo semi-acadêmico; preparação de quadros em nível de pós-graduação; Curso do IBBD[1955], atualmente IBICT (SOUZA, 1997, p. 33-34).

Os três eixos não sugerem uma estática em si, as condições sócio-culturais e econômicas concorrem para que os diferentes eixos se façam presentes em diferentes períodos. Pode-se dizer, assim, que as características do primeiro eixo ainda podem se fazer presentes na atualidade. Dentro desta linha de argumentação, entende-se que se, por um lado, tem-se uma prática bibliotecária com preparação nos quadros em nível de treinamento de pós-graduação, em outros, convive-se com práticas bibliotecárias não acadêmicas.

## 2 METODOLOGIA E MATERIAL UTILIZADO

A presente investigação utilizou a técnica da história de vida, uma das vertentes do método da história oral, para investigar as práticas dos primeiros bibliotecários bacharéis empreendida por homens e mulheres. Uma metodologia que tem potencialidades em mostrar o sujeito profissional bibliotecário.

O gênero biográfico surge no século XVIII, fruto da expansão dos direitos sociais. Buscou-se no texto de Pereira (2000), apresentado na Mesa-Redonda "História Oral e as tramas da subjetividade", para esclarecer definições inerentes a esta abordagem autobiográfica.

A história de vida tem seu fundamento no quadro da história oral. Esta oferece um retorno ao sujeito, após um longo domínio de concepções estruturais na investigação do pensar, fazer dos indivíduos, das suas atividades, quer profissionais ou pessoais. Como mostra a obra de Nóvoa (1992), a variação de conceitos nesta abordagem necessita de esclarecimentos, pois, nela está o entendimento teórico–metodológico do método investigativo.

Queiroz citada por Pereira (2000, p.118) afirma que a história de vida "é um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador – sujeito e de um interprete". Alguns autores ainda apreendem outras denominações para a história de vida como etnobiografia, quando o conteúdo recolhido reflete o tempo e o ambiente político social do narrador (POIRIER; RAYBANT, 1993 citado por PEREIRA, 2000).

Quanto ao tratamento dado ao material colhido, através das entrevistas, buscou-se novamente em Queiroz (1988, p. 24 -25) a clareza na edição do discurso do narrador biografado e auto-biografado, resultantes dos diferentes métodos investigativos. Segundo ela,

> justamente porque se trata de um indivíduo considerado em sua integralidade, a biografia não pode ser decomposta em elementos ou utilizada em fragmentos, sob pena de se perder completamente o sentido de que se procurava. [...] esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. Neste caso, o aproveitamento da biografia ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operando as relações do indivíduo com seu grupo , com sua sociedade. [...]. O recorte do material não somente se torna viável, agora, como até mesmo imperioso, pois são facetas do mesmo que serão utilizadas.

Já Gattaz (1996) ao tratar acerca da elaboração do texto da história de vida recolhida pelo pesquisador distingue duas fases importantes. A transcrição literal e a textualização do material. A textualização em si, para esse autor, compreende dois momentos: a incorporação das perguntas ao depoente de forma a tornar a transcrição literal compreensível e o refinamento em que se incorporam dois conceitos da lingüística compreendidos de modo sempre complementar: **o de transcriação** (adotado de Haroldo Campos) **e o de teatro de linguagem** (adotado de Roland Barthes). No argumento de Gattaz (1996, p.136): "a

transcriação surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível a leitura..." – enxugar o texto, sabendo que o oral e o escrito compreendem códigos diferentes e a transcriação permite dar equilíbrio entre estes. A textualização imbuída do conceito de transcriação deve estar acompanhada do conceito de teatro de linguagem, isto é, permitir trazer à escrita a comunicação verbal – a emoção como o riso, o choro, o cansaço. Nas palavras de Gattaz (1996), a transcriação é um "Trabalho árduo, verdadeira lapidação da fala, que não poupa a consciência do historiador de dilemas éticos perante cada modificação, adição ou corte".

Para esta investigação vale ainda lembrar as palavras de Pereira (1996), ao afirmar que a abordagem biográfica reforça o princípio pelo qual é sempre a própria pessoa que se forma - e forma-se - na medida em que elabora uma compreensão sobre seu percurso de vida. Neste sentido o processo de formação de qualquer profissional deve passar pela apropriação crítica de sua história de vida. Investigar práticas bibliotecárias através de uma abordagem biográfica significa uma estratégia para iniciar-se uma investigação mais ampla da sua prática.

## 2.1 Procedimentos

Os relatos foram coletados a partir de entrevista gravada. A amostra da pesquisa tem caráter qualitativo, são sete relatos profissionais de bibliotecários atuantes ou que atuaram em bibliotecas, centros de documentação, arquivos no Estado de Santa Catarina. Realizou-se uma entrevista piloto com uma bibliotecária, esta não consta da amostra analisada. Cada relato consiste em um longo processo de aproximação até sua recolha em si. A cada sujeito foi explicitado a origem, o objetivo da pesquisa e as questões relativas à autorização do uso ético do relato.

Com base nos argumentos de Gattaz (1996) elaborou-se a textualização dos depoimentos disponíveis em relatório. A leitura e (re)leitura dos relatos e posterior organização teve por parâmetro a obra de Ecléia Bosi, Memória e Sociedade (1987). Os relatos foram apresentados no relatório cronologicamente, ou seja, na seqüência em que foram colhidos, este procedimento foi uma decisão tomada pelas pesquisadoras.

## 3 UMA ANÁLISE

Os relatos evidenciam que uma profissão se faz ao longo do tempo. Desde a escolha do concurso vestibular até a atuação no mercado de trabalho, diferentes são os motivos, preocupações, sonhos de cada profissional. Os resultados apontam algumas faces que não esgotam a Biblioteconomia catarinense em si.

Toda profissão configura-se historicamente, sabemos do bibliotecário não acadêmico nos palácios na história antiga. Conhecemos o bibliotecário da Idade Média nos mosteiros, na Idade Moderna nas Universidades e finalmente no século 19, quando inicia sua formação acadêmica. Da mesma forma os bibliotecários catarinenses homens e mulheres de seu tempo e lugar configuram uma Biblioteconomia catarinense inscrita em uma Biblioteconomia nacional.

Os relatos expressam as duas categorias apontadas por Pereira (1996): a pessoalidade e a bibliotecaridade constituída por estes profissionais. São, em verdade, duas categorias que andam juntas, ou seja, ser bibliotecária (o) em última instância mostrou ser uma alternativa, uma saída que o sujeito construiu a fim de realizar um projeto emergente em sua

subjetividade. A formação acadêmica tornou-se um pretexto para realização de uma subjetividade pessoal-profissional, em alguns casos desconhecida. A teoria e prática significaram um projeto de sentido no fazer profissional. Uma profissão não parte necessariamente pressuposto vocação (um chamado divino a ser respondido), mas tem necessariamente o pressuposto profissional. Quatro depoimentos explicitam essa argumentação, quando expõem suas primeiras intenções profissionais voltadas para outros campos como: geografia, psicologia, engenharia. Nos depoimentos, fica claro como cada pessoa-biliotecária(o), cada bibliotecária(o)-pessoa, constituiu sua profissão com sentimento de satisfação.

A formação do ponto de vista institucional a graduação, concentrou-se no Estado de Santa Catarina. Três bibliotecários obtiveram sua formação na *Universidade Federal de Santa Catarina*/UFSC; três na *Universidade do Estado de Santa Catarina*/UDESC. Todos predominantemente na década de 70, constituindo-se as primeiras turmas destas Universidades. Apenas um profissional tem sua formação fora do Estado, na *Universidade Federal do Estado do Paraná*. Dois profissionais relataram que ingressaram no campo da Biblioteconomia a partir da realização de curso de treinamento para auxiliares de bibliotecas, oferecidos na década de 50 ou 60, provavelmente. Um profissional realizou mais de um curso de superior.

Os relatos revelam que a maioria destes bibliotecários investiu em cursos de pós-graduação em nível de especialização, estes concentraram-se no Estado de Santa Catarina, oferecidos na década de 80. Melhor dizendo, quatro bibliotecários realizaram cursos de especialização em: Biblioteconomia (UFSC), Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares (UDESC), Organização e Administração de Arquivos (UFSC); alguns dentre estes também realizaram cursos de treinamento com curta duração. Os três restantes por diferentes questões realizaram cursos de treinamento buscando responder necessidades práticas e/ou técnicas na área.

> Eu acho que com minha experiência, mais o curso auxiliar que eu tinha feito na Federal, eu tinha um estágio na Biblioteca Pública do Paraná, estágio na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, tudo isso antes de me formar em Biblioteconomia. Então tudo isso para mim foi uma experiência muito grande. Eu nunca senti necessidade de fazer uma especialização, mesmo porque quando começou a surgir aqui [Estado de Santa Catarina], eu já estava em final de carreira [..] (SIMAS).

A atuação profissional está concentrada na biblioteca especializada e universitária, somente dois profissionais voltaram-se para atividades em bibliotecas públicas. O quadro pode sugerir que, realmente, o Estado oferecia um mercado de trabalho mais sólido e reconhecido socialmente a estes profissionais e estas instituições de informação. Pode por outro lado sugerir que as políticas públicas de então não incluíam a possibilidade de postos de trabalho em bibliotecas públicas. As palavras da bibliotecária Cleir Mafra ilustram o segundo argumento,

> Então, a UDESC que era particular, passou a ser pública e já não tinha mais recursos. Nós começamos a fazer um trabalho de nós sairmos da capital e íamos fazer treinamento no interior. Isso[o treinamento] era feito na capital, agente fazia treinamento aqui, vinha 15 a 20 moças que eram responsáveis pela biblioteca de seu município, nunca eram Bibliotecárias, uma ou duas eram Bibliotecárias, então elas acompanhavam também esses encontros e cada uma dava depoimento do que estavam fazendo em seus municípios. Aquele município que tinha semelhança com outro município, poderia usar o mesmo exemplo. Ituporanga (SC) tinha uma biblioteca que ela conseguia, a maioria fala alemão, conseguia donativos da

> Alemanha em livros, revistas, revistas de modas, elas apresentavam aquilo com maior orgulho com aquele sotaque que era peculiar da região [..].

Algumas palavras do relato da bibliotecária Selma Gusmão frente à Biblioteca Pública Municipal de Joinville, durante 20 anos, explicitam melhor como as políticas públicas catarinenses voltadas para à população junto às Bibliotecas Públicas historicamente se configuraram como tímidas, apesar de importantes trabalhos realizados.

> Teve uma época que funcionou muito bem, eu tinha uma funcionária que sabia trabalhar ela era uma professora, hoje é diretora de uma escola. Ela sabia trabalhar muito bem com crianças, inventava mil coisas, joguinhos, concursos, contava histórias, fazia teatrinhos, comemorava todas as datas, ela fazia comemorações, enfim, nós tivemos assim uma época, dependia muito da nossa chefia, não da chefia dentro da Biblioteca, porque a diretora da Biblioteca era eu porque fui nomeada diretora em 1973 eu acho, e me aposentei como diretora acho que é tempo demais na verdade, acho que é tempo demais para uma pessoa ficar na direção. Porque chega um certo ponto você tanto escuta a palavra não dá, não dá, não tem verba, não tem dinheiro, que você vai ficando desanimada e no fim você já não pede mais, a gente desanima e começa a trabalhar só com aqueles poucos recursos que nós conseguíamos com as multinhas e com as inscrições, porque nós cobrávamos uma taxa simbólica, mais cobrávamos, porque se a pessoa não pagar nada, ela não da valor [...]

Do ponto de vista dos eixos das práticas bibliotecárias apresentados por Souza (1997), verificou-se que as práticas bibliotecárias do *Primeiro Eixo* se fazem presentes principalmente no início da atividade profissional destes profissionais bibliotecários. Com relação a esse aspecto Souza (1997, p. 31) afirma que:

> A formação é de caráter semi-acadêmico e sustenta-se não predominantemente em bases teóricas voltadas à mesmice organizacional. Embora se inicie com alguma ênfase nas estruturas sistêmicas, vai avançando progressivamente para abordagens mais dialéticas [Marteleto] em que a retroalimentação intra-sistema dá lugar, em paralelo, ao trabalho de valorização de uma visão de circularidade [Carrega e Cordeiro], em que o usuário(empresas por exemplo), como centro do processo de transferência, interfere e interage ativamente na produção da informação e na sua transmissão, extrapolando o mero papel de receptor...

Há uma maior predominância nos relatos, para o chamado *Segundo Eixo*; isto é: há uma prática bibliotecária racionalizada norte-americana, uma profissão regulamentada, com a Lei 8.024 de 1962, uma biblioteconomia funcionalista, voltada à preparação em quadros de bacharelado, fomento à segmentos do setor universitário/industrial e de orientação para armazenagem de coleções.

As práticas do *Terceiro Eixo* se fazem presentes principalmente nas bibliotecas especializadas e universitárias, mas pode-se afirmar que apenas em um relato ficou mais evidente as características deste eixo.

Nos relatos há uma recorrência às mudanças técnico-admistrativas sofridas pelas Bibliotecas com a implantação dos Curso de Graduação em Biblioteconomia no Estado.

Outra característica importante se revela ao longo dos depoimentos: há uma certa circularidade entre os profissionais entrevistados, isto é, compartilharam espaços profissionais; tinham alguma ligação quer inter-institucional ou mesmo associativa para desenvolverem ações em conjunto. Alguns trechos de relatos ilustram este quadro.

> A Biblioteca na época estava sobre a responsabilidade da Bibliotecária do Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Universidade Federal de Santa Catarina, que no momento atuava sozinha na Biblioteca. Como era uma Biblioteca muito ativa porque os usuários que a freqüentavam eram pessoas da área, e precisavam de muitas informações, muita atenção, por parte dos Bibliotecários, então, eu fui convidada para ajudar a Bibliotecária. Ela ficava a maior parte do tempo no atendimento, e eu na organização da Biblioteca em si. Passaram-se 6 a 8 meses; foi quando me surgiu uma possibilidade de emprego no IBGE (Bel.Elza Mariza).

> Outro depoimento: A Cleir veio de Florianópolis e trouxe o Carro Biblioteca lá do nosso Sistema. Eu achei que trazendo o carro, quem estava, quem tinha o poder na mão naquela ocasião iria se entusiasmar, todo mundo achou ótimo, divino, maravilhoso, nem por isso aconteceu. A Cleir passou o dia aqui com a gente, ela e mais uma estagiária, passaram o dia conosco, foi ótimo, a feira foi ótima, movimento enorme. (Bel.Selma).

Os profissionais reportam-se com ênfase aos aspectos técnicos vivenciados em suas práticas, seja com relação às regras de descrição, representação de conteúdos e controle bibliográfico, bem como a aspectos técnicos administrativos. Pode-se afirmar que esta ênfase é fruto da formação profissional, a ponto de bibliotecários relatarem que

> Muitas vezes na preocupação de que aparecesse alguma professora, isso nos trazia uma certa insegurança nos questionando se o que estávamos fazendo era correto ou não. Eu procurava[solucionar problemas] quando estava sozinha numa Biblioteca Especializada, se eu tinha dúvida de algum número na classificação, na catalogação, porque no IBGE a gente usava a CDD. (Vera Lúcia).

Pode-se afirmar que certamente essa preocupação não era isolda ou única. Porém, duas bibliotecárias assumem literalmente sua preferência por se manterem se possível afastadas das questões técnicas; elegendo atividades voltadas ao usuários.
Quanto ao relacionamento com os usuários, as marcas são importantes, porém, a ênfase é amena; são lembranças gratificantes. Este aspecto revelou-se principalmente naquelas bibliotecárias que atuaram em Bibliotecas Públicas.
Os profissionais bibliotecários revelaram algumas marcas das suas trajetórias, entre as quais se destacam: o desafio ao desconhecido na profissão, a cooperação entre bibliotecários versus usuários, a amplitude de atuação do campo biblioteconômico, a atuação junto as comunidades na implantação de atividades culturais, as questões administrativas conflitivas e a importância de referências profissionais para atuação na área.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou a introdução do campo da Biblioteconomia no Estado de Santa Catarina, evidenciando o próprio tempo da Biblioteconomia nacional de então; isto é, há uma concentração nos aspectos técnicos decorrentes da formação e visíveis também na atuação profissional. Pôde-se verificar que esses bibliotecários exerceram uma prática bibliotecária segundo a análise apontada por Souza (1997) - funcional e racionalizada norte-americana. O contato com o usuário são narrados como lembranças com sentimento de gratificação.
As instituições responsáveis pela formação desses primeiros bibliotecários concentram-se na *Universidade Federal de Santa Catarina* e *Universidade do Estado de Santa Catarina*, na

década de 70. Ressalta-se que os bibliotecários de uma forma ou de outra procuraram atualizar-se ao longo de seu exercício profissional.

Investigar as práticas bibliotecárias daqueles profissionais que iniciaram uma Biblioteconomia catarinense, além do ato de pesquisar faz compreender que uma profissão se constitui de diferentes enfrentamentos, desde os bancos escolares durante o curso, dos estágios, até os primeiros postos de trabalho: inquietações inerentes à profissão e à condição humana.

A possibilidade da utilização da técnica história de vida em pesquisas voltadas para o campo da Biblioteconomia são inúmeras. Pode revelar um campo profissional para além da sala de aula, para além da formação dita e redita como uma profissão técnica e elitista. Nesta abordagem, há a possibilidade de um resgate do cotidiano dos bibliotecários, bibliotecárias, pessoas comuns não privilegiadas na história oficial, como asseguram Montagner e Cunha (2000, p. 548), ao explicitar os objetivos da história oral e que pode também ser aplicado como um dos objetivos da história de vida,

> [...] procura reaver as memórias, as reminiscências, as recordações de sujeitos que, geralmente, não são reconhecidos nos documentos ou não produziram documentos, e assim ficam distantes da história oficial. Esta maneira de investigação pode contribuir para a construção de identidades coletivas e, pode passar a considerar também os/as excluídos/as e esquecidos/as como autores/as e atores/atrizes na História da Educação.

A história de vida apesar de captar as histórias individuais, busca atingir a coletividade de que o informante faz parte. No entendimento de Queiroz ao citar Simson (1988); mesmo que o pesquisador registre apenas uma história de vida, seu objetivo é captar o grupo, a sociedade de que ele é parte; o pesquisador busca encontrar a coletividade a partir do indivíduo. As histórias individuais são, portanto, reveladoras de uma coletividade social e histórica - "A história de vida é portanto técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social" (Idem, 1988).

A história de vida é uma técnica que demanda muito tempo, principalmente no que diz respeito a coleta em si e a organização dos dados, como a transcrição e a transcriação (GATTAZ,1996). Da coleta, é preciso frisar que o pesquisador precisa estar muito atento a ela, pois diz respeito a aproximação com o sujeito, afinal trata-se de um **encontro.** Nas palavras do nosso poeta Venicius de Morais**: "a vida é arte dos encontros"**, em que cada qual diz de si, quem é, qual foi ou é sua ação. E ação o que é? É uma negociação, um ato político, onde cada indivíduo a seu modo se expõe , dizendo: **quem ele é**-, **o que quer** (ARENDT, 1987).

As histórias de vida se propõem como um outro método para se constituir a História da Biblioteconomia. Se por um lado, ela se apresenta promissora, por outro, são necessários cuidados para não limitar-se a dados por dados. Melhor dizendo, utilizá-la como um método soberano sem problematizá-lo e contextualizá-lo.

A ênfase dada ao indivíduo traz aspectos positivos e outros que devem ser criticados. Dar voz ao indivíduo é abrir espaço à denúncia, que falta à formação institucional. É uma interessante alternativa além do quantitativo e descritivo, mas a exclusão desta também pode se apresentar como uma perda. Ouvir as bibliotecárias e os bibliotecários é dar voz àqueles que sacrificam sua individualidade, contribuem com sua pessoalidade na manutenção ou mudança da cultura. Mas é preciso sempre estar atento que o individual não se engendra por si mesmo, mas sim na dimensão social em que o individual se encerra.

A história profissional - pessoal, a partir do quadro geral da história oral é um importante instrumento para os estudos da formação de diferentes profissionais. Neste caso, bibliotecárias

e bibliotecários repensam, rememoram, (re)significam as suas trajetórias profissionais, ressaltando os vários processos de formação; nos diferentes tempos e lugares.
O processo de contar, (re)contar fatos do passado, ler e (re)ler os relatos oportunizou tanto as pesquisadoras, como as pesquisadas e ao pesquisado uma reflexão, a criação de vínculos de ordem pessoal e/ou institucional. Os relatos das bibliotecárias e do bibliotecário podem oferecer ao aluno em formação e aos profissionais atuantes, a oportunidade em conhecer de viva voz a experiência profissional daqueles que contribuíram na constituição de uma Biblioteconomia local, regional e nacional.

***Abstract***

*The intention of this reflection on the formation and self-formation of the first librarians in the State of Santa Catarina is to recognise the professional activities developed by these professionals as Library Science. The methodology adopted was the technique of life history based on the general context of Oral History. Seven professional reports were taken. These show that the librarians give significant importance to technical questions; situations related to the users and a positive professional attitude. The study concludes that this type of investigation can aid to understood better the socio-cultural role of this profession – the empirical material collected is a source for learning and teaching how to be a librarian in a given society.*

***Key words***

***LIBRARY PRACTICES***
***LIBRARY SCIENCE***
***LIBRARIAN***
***PROFESSIONAL TRAINING***
***SANTA CATARINA – LIBRARY SCIENCE***

Referências

ARENDT, H. **A condição humana.** São Paulo: Forense, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. Queiroz, 1987.

CONY, Carlos Heitor**. Quase memória**: quase-romance. 13. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

FONSECA, E. N. **Introdução a biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

GATTAZ, A. C. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. In: HEIHY, J. C. S. B. **(RE)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 135 – 140.

GOLHDOR, H. **Pesquisa científica em Biblioteconomia e Documentação**. Brasília: Vipa, 1973.

LIMA, R. C. M. A **biblioteconomia catarinense e a ACB**: memórias de uma bibliotecária. Rio de Janeiro, 1998. 14 fl.(Reprografia)

MARTUCCI, E. M. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspec. Ci. Informação**, v. 1, n. 2, jul./dez. 1996.

METODOLOGIA da pesquisa educacional. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MILLER, N. Aprendendo sobre autobiografia e a pesquisa-ação na educação de adultos através da colaboração internacional. **Inf. Soc.: Est.,** João Pessoa, v. 6 , n. 1, p. 103-120, 1996.

MONTAGNER, Rosangela; CUNHA, Jorge Luiz. História oral: uma nova perspectiva metodológica para a história da educação. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 1998, São Paulo**. Atas...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000. v.2.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

_____. _____ .2. ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Z.C. P. **O bibliotecário e sua auto-imagem.** São Paulo: Pioneira/INL, 1983.

PAOLI, N. J. Reflexões sobre uma experiência de trabalho com história oral na área da educação. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO,1, 1996, Lisboa. **Atas...** Lisboa (Portugal): Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998. v. 1.

PEREIRA, M. V**. A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

PERES, Eliane Teresinha. Histórias de professoras: memórias sobre formação, trajetória profissional e prática pedagógica (RS, 1930-1970). CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 1998, São Paulo. **Atas...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998. v.1.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação.** São Paulo: T. Queiroz, 1991.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, O. M. Von (org.). **Experimentos com histórias de vida:** Itália-Brasil. São Paulo: Vértice- Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SIMSON, O. M. Von (org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice- Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SOUZA, F. C. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 1990.

_____. **Biblioteconomia no Brasil:** profissão e educação. Florianópolis: ACB. 1997.